

# EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Izadiel Ruben Costa Leal<sup>1</sup>

## RESUMO

Este estudo pretende destacar em seu bojo a educação integral, na perspectiva de formação integral do aluno, que deve estar voltada para as diversas dimensões do ser humano. Nesse sentido, desenvolver as habilidades para acessar, processar e produzir informações no contexto da cultura digital é uma das grandes demandas nos processos educativos hoje. A questão que se coloca é como implementar estratégias pedagógicas que, além de considerar as múltiplas dimensões do indivíduo, busquem integrar as novas linguagens por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Como metodologia para este estudo utilizou-se materiais bibliográficos, aprofundando-se nesta temática, já explorada por outros autores, publicados em revistas, jornais, bibliotecas virtuais, livros. Concluiu-se que a escola fundamental pública hoje no Brasil, passa por momentos de perda de identidade tanto cultural, quanto pedagógica. Uma ampliação tumultuada das tarefas, diante das recentes políticas oficiais, tais como programas bolsa-escola, novos critérios de progressão escolar, inclusão no currículo de temas ligados à saúde, à ética e à cultura, parecem delinear uma realidade em que as necessidades sócias integradoras assumem posição primordial no cotidiano escolar. O quadro leva a revisitar a concepção de educação integral, em sua vertente pragmatista.

**Palavras-chave:** Educação integral. Cultura digital. Novas linguagens.

## INTRODUÇÃO

Para que haja melhor aprendizado a educação integral propõe como resultados esperados que se faça em primeiro lugar a formação continuada dos professores e demais profissionais da educação integral. Pois acredita-se que os indivíduos estão em permanente processo de socialização, ou seja, estão sempre aprendendo e recriando normas de convívio, códigos de conduta, valores e patrimônio cultural da sociedade em que vivem.

Entretanto, a concepção de educação integral, tem por base o conceito de “educação como reconstrução da experiência”, no contexto da corrente filosófica

---

<sup>1</sup> Professor de Ciências Biológica e Educação Física Escolar, na Educação Básica.

pragmatista e de seu destacado autor John Dewey. Portanto, o que se busca com este estudo é uma possível base teórica para a elaboração de uma proposta de educação fundamental que possa corresponder às novas necessidades.

Assim, o maior desafio docente na escola pública contemporânea, ainda é o processo digital, as tecnologias de comunicação e informação, contudo, a proposta da educação integral é exatamente o processo de reconstrução da experiência, a continuação da formação docente, que nunca cessa. Este modelo requer, práxis pedagógicas, linguagem acadêmica, pesquisa e extensão.

### **Educação Integral na história e na atualidade**

Quando se trata da “Educação Integral”, não se está fazendo menção a uma escola e seu funcionamento integral de aulas, mas este termo requer mais reflexão, pois está destacando um aprofundamento dos conhecimentos, sendo uma reconstrução do caminho, do saber, do fazer, do conhecer e do conviver.

Na história a Educação Integral, já era tematizada pelo movimento que ficou conhecido por “escolanovismo” movimento reformador, que compunha o início do século XX, refletia-se a necessidade de se reencontrar a vocação da escola na sociedade urbana de massas, industrializada e democrática.

Conforme Luzuriaga (1998) uma série de experiências educacionais escolanovistas desenvolvidas em várias partes do mundo, durante todo o século XX, tinham algumas das características básicas que poderiam ser consideradas constituidoras de uma concepção de educação integral.

Saviani (1989) diz que o movimento escolanovismo, foi importante em sua época, pois executou o deslocamento do eixo de preocupação de âmbito político, ligado diretamente à sociedade e seu conjunto, para o âmbito técnico pedagógico, que está ligado mesmo ao interior da escola, com isso este movimento cumpri a função de manter a expansão da escola, desenvolvendo assim um tipo de ensino mais adequado e bem mais interessante.

Um processo renovador dos ânimos, uma reconstrução de saberes, um repensamento do processo acadêmico, uma aguçassão nos conhecimentos, estas são as principais características da educação integral, que tem por finalidade nutrir o indivíduo aprendente, ou seja, completar, preencher, fazer com que saiba mais e com domínio próprio.

Portanto, assim se vai compreender a amplitude da concepção de educação integral em servir aos propósitos de ideologias com diferentes posicionamentos político-filosóficos, mas que se aproximam no ideal de desenvolvimento completo do ser humano.

No Brasil, a educação integral esteve presente nos ideais de diversos movimentos educacionais, demonstrando que coexistem posicionamentos político-filosóficos com pressupostos divergentes, mas que objetivam em comum uma formação multidimensional do humano. Conforme aponta o texto referência para o debate nacional sobre esse tema, elaborado pelo MEC.

No Brasil, na primeira metade do século XX, encontra-se investidas significativas a favor da Educação Integral, tanto no pensamento quanto nas ações de cunho educativo de católicos, de anarquistas, de integralistas e de educadores como Anísio Teixeira, que tanto defendiam quanto procuravam implantar instituições escolares em que essa concepção fosse vivenciada. No entanto, cabe ressaltar que eram propostas e experiências advindas de matrizes ideológicas bastante diversas e, por vezes, até contraditórias. (BRASIL, 2009, p. 15)

Esta concepção de educação integral aos pouco vai se configurando como um novo modelo a ser ainda discutido, porém, já se sabe por meio da história que este tema já foi muito discutido durante todo o século XX. Assim, a Educação Integral apresentada como estratégia para a melhoria da qualidade na educação, ganha progressivamente a adesão do poder público bem como de diversos setores e organizações da sociedade civil.

Portanto, o termo “Educação Integral” se refere ao desenvolvimento do processo educativo que pense o ser humano em todas as suas dimensões – cognitiva, estética, ética, física, social, afetiva, ou seja, trata-se de pensar uma educação que possibilite a formação integral do ser humano, em todos os seus aspectos. Assim, a educação integral reconhece a pessoa como um todo e não como um ser fragmentado, por exemplo, entre corpo e intelecto.

## **O processo digital e a escola pública**

Acredita-se que o processo digital nas escolas públicas, irá alavancar a inclusão digital nas instituições escolares, mas é importante ressaltar que esse processo não é simplesmente um mero ato de comprar computadores, embalá-los e enviá-los às escolas.

Por trás dos equipamentos é necessário que exista um trabalho pedagógico de auxílio, formação técnica e educacional, com o intuito não apenas de formar pessoas capacitadas a utilizar computadores, mas também aptas a questionar, criar e utilizar esse meio de comunicação como uma forma de participação na sociedade. A Internet suporta todos os componentes do modelo comunicativo: interativa, participativa, horizontal, multimodal, mas de que adiantaria tantos recursos tecnológicos se não existir um projeto comunicativo e educacional por trás desses meios? (BRASLAVSKY, 2004 p. 93)

A incorporação das novas tecnologias de comunicação nas instituições de ensino consta na Lei nº 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que trata das questões explícitas e implícitas sobre tecnologia, como do domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna (art.35); o incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia (art.43); a determinação de uma educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia (art.39).

No entanto, enfatiza Porto (1998) que apesar de as novas gerações serem criadas em ambientes comunicacionais, interagindo com tecnologias e recursos de várias espécies, em muitas situações escolares o conhecimento lhes chega por meio de discursos vazios de significados, muitos dos quais emitidos pelos professores, livros e meios impressos, organizados racional e linearmente.

Mesmo as escolas que, de uma forma, ou de outra incorporam em seu contexto novas tecnologias de comunicação como recursos facilitadores ao educador, falta a essas instituições uma "reflexão contextualizada sobre a realidade representada pela presença da comunicação na sociedade contemporânea, uma reflexão que supere o inócuo deslumbramento frente às novas e sempre mutantes tecnologias" (SOARES, 1995 p. 44).

Além disso, muitas vezes a inserção de novas tecnologias em sala de aula não produz uma mudança no paradigma meramente instrumental e mecanicista de ensino e, nesses casos, a tecnologia acaba servindo para fazer, com uma roupagem nova, o que já se fazia na escola do século passado embora, neste caso, com um custo ainda maior (RAMAL, 2002).

Brunner (2004) afirma que se está passando pela quarta e última revolução tecnológica educacional. As instituições escolares ainda se encontram em processo de adaptação, muitas ainda nem implantaram as TICs, apesar desse processo no Brasil, ter tido início a partir da década de 90, ainda se apresenta como uma

dificuldade para alunos e professores, que, muitas vezes, enxergam a tecnologia como um instrumento de difícil utilização.

A educação integral, como instrumento que reconstrói os conhecimentos, prever avanços breves, para o campo da tecnologia educacional, em virtude da renovação que também está acontecendo na docência. Assim como se tem uma nova geração de alunos, filhos das mais diversas tecnologias, haverá de se ter, um novo corpo docente.

No que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, um dos desafios atuais é saber incluir as novas tecnologias de forma equilibrada e inovadora na sala de aula. Isso requer do educador um amplo conhecimento, não só do que está disponível no mercado, mas de como essas ferramentas estão consistentemente alinhadas com a metodologia adotada pela escola e com o público alvo.

Que geração queremos formar? Cidadãos competentes, éticos, solidários, comprometidos com uma sociedade mais justa? Se a resposta à pergunta for positiva, o educador não pode se esquecer de que ele é um referencial com alto grau de impacto na vida de seus educandos, positiva ou negativamente. Ninguém quer saber de alguém que “faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço”. Educação pressupõe referenciais verdadeiros, inspirativos e construtivos. É preciso ser um referencial positivo na vida de um educando. Hoje em dia, as novas gerações, além de estarem em busca de líderes que lhes mostrem um caminho confiável, têm mais facilidade de se oporem a um falso educador.

As modernas tecnologias estão cada vez mais invadindo os muros das escolas e universidades. Na rede pública de ensino essa invasão se dá por meio das Políticas Públicas de Inclusão Digital, que prevê o repasse de computadores as escolas através de programas como o PROINFO em nível Federal e atualmente e em nível Estadual, a depender da política de cada estado, levando o professor a um novo desafio: como incorporá-las em sua prática pedagógica de forma significativa e não apenas como mais uma ferramenta para motivar a sua aula ou transmitir conteúdo?

Desafio este, que está levando as escolas a equiparem-se com recursos tecnológicos e os professores a buscarem capacitação e aperfeiçoamento na área das tecnologias quanto ao uso pedagógico desses novos recursos de ensinar e aprender, devido a constatação de que nos cursos de graduação, pouco, ou quase nada ainda, está sendo proposto aos futuros professores.

Cysneiros (1999) deixa claro que a questão de incorporação das tecnologias pela escola deve ser uma preocupação e uma ação de Política Pública de investimentos nessa área. Nesse contexto o Brasil tem avançado no tocante à pesquisa universitária e às políticas atuais. Relata os programas desenvolvidos a partir da primeira metade dos anos 80 como o Projeto Educom, lançado em 1983 em cinco universidades públicas, centros-piloto, com projetos interdisciplinares desenvolvidos em escolas públicas. A principal contribuição do Educom foi a formação de recursos humanos provindos de escolas públicas da educação básica, professores das universidades, bolsistas de pesquisas e alunos de pós-graduação que participaram do projeto.

### **Educação Integral e uma nova visão escolar**

A Educação Integral estabelece uma nova visão às escolas como locais geradores de conhecimento, como ativos no processo de ensino/aprendizagem e como ferramentas de acesso à educação, de forma a dotar de organicidade o processo de ensino/aprendizagem em uma realidade preta de significados que possibilitem ao educando situações, experiências, instrumentos e conceitos à construção sócia cognitiva da aprendizagem.

Ao escrever sobre Educação Integral alguns pontos necessitam ser discutidos para melhor entendimento. Segundo Durkheim (1997) a educação não é algo preso às paredes de uma sala de aula, tampouco algo cativo a regras impostas, seja por necessidade ou coerção social, mas sim um elemento necessário ao desenvolvimento cultural do indivíduo.

Segundo Freire (2000) o ato educativo é comum ao ser humano e, por sê-lo, torna-se tão presente na vida de todos. O senhor que não sabe ler e escrever, por exemplo, que nasceu e viveu no mais distante local do interior do país, sem acesso a uma educação formal, ao interagir com o meio, à proporção que construa seu próprio conhecimento pelo acúmulo de experiências e vivências desenvolverá sua prática de aprendizagem. Se esse mesmo senhor socializar seu conhecimento com seus filhos e netos, mesmo sem nenhum texto, nenhuma frase, ou qualquer contribuição do vernáculo escrito, então se semeará uma prática educativa matizada pela maturação de conhecimento, conceitos e saberes alicerçados pela vivência.

Conforme Gabriel; Cavaliere (2012) a Educação Integral parte da premissa de se ter como “Integral” aquilo que é completo, inteiro, total e acabado em si, e quando o seu sentido está agregado à “Educação” evoca uma ideia que não pode ser resumida ao trabalho realizado nos “bancos escolares” e não se finda ao término do período que compõe a educação básica, vai além, na busca de ampliação de tempos, espaços, sujeitos e situações de educação. Portanto, a educação integral é aquela que nunca finda, ela sempre renova e reconstrói o ser.

## CONCLUSÃO

De acordo com os tópicos analisados no tecido textual deste trabalho, é perceptível que a *Educação Integral*, não é referente ao tempo do aluno na escola, mas sim aquela que possibilita a formação integral do indivíduo enquanto ser humano, entretanto, ampliar tempos e espaços de aprendizagem é propicia aos aprendentes a aquisição de competências à conquista de conhecimentos e saberes, assim como a aquisição de uma visão social, à proporção que este se torne consciente do papel de sujeito que desempenhará no grupo, tendo ciência de direitos e deveres dada a condição de cidadania que lhe é apresentada.

No que tange, à *Educação Integral*, se faz necessário repensar as práticas pedagógicas, de forma a responder às reais necessidades de aprendizagem do estudante, obedecendo e se adequando às regras instituídas para tal fim. A produção de competências, em essência, não se refere apenas à apreensão de determinados conteúdos, mas à tessitura dialógica destes como bens simbólicos em vivências reais de aprendizagem.

Os bens simbólicos, incorporados durante o processo de ensino/aprendizagem, adquirem seu caráter valorativo por preparem o indivíduo à pluralidade de vivências e atuações na multiplicidade de campos com os quais se relacionará. O processo dialógico de aprendizagem desenvolvido através da educação integral durante a maturação de conhecimentos e saberes, que se realiza através de contexto social imerso em ideologias pré-estabelecidas pelo meio na qual se insere o sujeito, torna-se real à medida que se revivifica tradições e modernidades no ato discursivo que caracteriza esse processo de ensino/aprendizagem.

## REFERENCIAS

- BRASLAVSKY, Cecília, As políticas educativas ante a revolução tecnológica, em um mundo de interdependências crescentes e parciais. In TEDESCO, Juan Carlos (org.). **Educação e novas tecnologias**. São Paulo: Cortez; 2004
- BRASIL. **Manual do Programa Mais Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.
- BRUNNER, José Joaquim. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, Juan Carlos (ORG.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo, Cortez. UNESCO, 2004.
- CYSNEIROS, Paulo G. **Professores e Máquinas: Uma concepção de Informática na Educação**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, NIE/NPD, disponível em [www.npd.ufpe.br](http://www.npd.ufpe.br), acessado em julho/2016.
- DEWEY, J. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1959.
- DURKHEIM, Emílie. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Ed. Martin Claret, 1997.
- FREIRE, M. Rotinas: construção do tempo na relação pedagógica. **Cadernos de Reflexão**. São Paulo, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- GABRIEL, Carmen Teresa e CAVALIERE, Ana Maria. **Educação integral e currículo integrado** – quando dois conceitos se articulam em um programa. In.: MOLL, Jacqueline et al. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.
- LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1990.
- PORTO, Tânia Maria Esperon, Educação **para a mídia/ pedagogia da comunicação: caminhos e desafios**. In Heloísa Dupas Penteado (org.), Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas. São Paulo, Córtes Editora, 1998 pp. 24
- RAMAL, Andrea Cecília, **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002 pp. 26
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- SOARES, Ismar de Oliveira, **Sociedade de informação ou da comunicação**. São Paulo: Cidade Nova, 1997 pp. 51